

RESGATANDO A VISÃO CRISTÃ ACERCA DO TRABALHO

Luca Archetti Bianconi ¹

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa objetiva lançar luz sobre uma ideia historicamente equivocada, ainda prevalente entre muitos cristãos, que encaram o trabalho diário como sendo apenas um castigo punitivo decorrente do pecado original. Para essa vertente, o labor é visto meramente como um fardo exaustivo e estritamente necessário para a subsistência material. O propósito deste estudo é desconstruir tal narrativa, a fim de que a visão acerca deste tema seja perfeitamente alinhada com as Escrituras Sagradas. Neste sentido, com base em rigorosa fundamentação teológica, este artigo defenderá a ideia bíblica de que o trabalho deve ser desenvolvido intencionalmente para a glória de Deus, visto que a Igreja atua como cooperadora ativa do Senhor no contínuo desenvolvimento da criação. Além disso, haverá um esforço acadêmico para romper com a nociva barreira imposta pelo dualismo filosófico, objetivando resgatar uma visão espiritual e integral de todas as coisas, rejeitando categoricamente a dicotomia artificial entre as esferas do secular e do sagrado.

Palavras-chave: Fé. Trabalho. Vocação. Glória de Deus. Dualismo.

ABSTRACT

This research paper aims to shed light on a historically mistaken concept, still prevalent among many Christians, who view daily work merely as a punitive consequence stemming from original sin. From this perspective, labor is seen simply as an exhausting burden strictly necessary for material subsistence. The purpose of this study is to deconstruct such a narrative so that the perspective on this subject aligns perfectly with the Holy Scriptures. In this sense, based on a rigorous theological foundation, this article will defend the biblical concept that work should be intentionally carried out for the glory of God, given that the Church acts as an active co-worker with the Lord in the ongoing development of creation. Furthermore, an academic effort will be made to break through the harmful barrier imposed by philosophical dualism, aiming to recover a spiritual and holistic view of all things, categorically rejecting the artificial dichotomy between the secular and sacred spheres.

KEYWORDS: Faith. Work. Vocation. Holy Of the Glory. Dualism.

¹ Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Maciço de Baturité - UNIMB

1 INTRODUÇÃO

O trabalho sempre foi uma atividade essencial da humanidade, mas a forma como está o encara tem variado ao longo da história. Para muitos cristãos, persiste a ideia de que o trabalho é um castigo imposto por Deus por consequência da queda. Essa percepção influencia a forma como se encara a rotina diária, o esforço físico ou intelectual e até mesmo as escolhas profissionais, limitando a compreensão da verdadeira dignidade e propósito do trabalho.

Historicamente, tanto filósofos antigos quanto teólogos cristãos contribuíram para essa visão distorcida. A título de exemplo dos pensamentos filosóficos, Aristóteles valorizava a contemplação da vida e considerava o trabalho como um obstáculo à nobreza humana.

Entre os teólogos, Tomás de Aquino ressaltava a contemplação da verdade divina como o objetivo máximo da vida humana, relegando a vida ativa e o trabalho a um plano secundário. Esses padrões influenciaram gerações, criando uma percepção do trabalho como um fardo ou um mal necessário, que ainda ecoa na mentalidade contemporânea.

Contudo, a Reforma Protestante trouxe outras perspectivas sobre o valor do trabalho.

Martinho Lutero enfatizou que todos os cristãos são chamados por

Deus para exercer suas ocupações de forma digna e gloriosa, independentemente da natureza de suas funções.

O trabalho, portanto, não é uma punição, mas uma oportunidade de servir a Deus, ao próximo e à sociedade. Cada profissão, seja ela intelectual ou manual, revela a imagem de Deus no ser humano e contribui para a administração e desenvolvimento da criação, seguindo o chamado de governar e cuidar do mundo como “mordomos” responsáveis.

Neste contexto, este trabalho busca resgatar a compreensão bíblica do trabalho como vocação, serviço e expressão da glória de Deus. Ele procura demonstrar que, longe de ser meramente um meio de sobrevivência, o trabalho é um espaço para manifestar a fé, exercer os dons dados por Deus e impactar positivamente a sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A GLÓRIA OU O CASTIGO DO TRABALHO

É inegável que boa parte dos cristãos enfrentam o trabalho como um castigo divino. A visão que está incrustada na mente de muitos crentes é a de que o trabalho foi inserido na história após a queda de Adão, como parte da maldição de Deus para a sua criação. Acreditam que, caso o pecado não tivesse entrado no mundo, o trabalho não seria necessário, o que implicaria em descanso e ócio para a glória de Deus e para o bem do homem.

Essa visão não é recente. Os gregos antigos acreditavam que Deus havia criado os seres humanos para o trabalho e nisso não havia glória alguma, apenas enfado. De acordo com o filósofo Adriano Tilgher, “Para os gregos, o trabalho era uma praga e nada mais”.

Ainda, Aristóteles chegava a afirmar que uma vida genuinamente digna era aquela em que uma pessoa tinha a capacidade de viver sem precisar trabalhar. O trabalho era como uma barreira para uma vida nobre, que impossibilitava o homem de avançar seus conhecimentos filosóficos a partir da contemplação da vida.

Não apenas os gregos, mas muitos pensadores cristãos, teólogos históricos, tinham uma visão do trabalho nesse mesmo sentido. A título de exemplo, Tomás de Aquino, o príncipe dos teólogos medievais, afirmou que “a contemplação da verdade divina é o objetivo [...] da vida humana”, mas que a vida ativa dificulta essa tarefa. Para ele, as pessoas acabam sendo levadas para a vida ativa (isto é, ao trabalho) pela necessidade, mas em detrimento da perda do poder da contemplação plena, que é a melhor preparação para a eternidade.

O pensamento começou a mudar com alguns teólogos que vieram nos períodos seguintes, que refletiram melhor a este respeito. Alguém que contribuiu muito a este respeito, é aquele que também leva a maior fama pela Reforma Protestante – Martinho Lutero.

O reformador afirmava que Deus chama igualmente todos os cristãos cada um para o seu trabalho ou ocupação, e que isso faz parte do plano de Deus, não como castigo, mas como algo, na verdade, glorioso. Ele colocou em xeque a ideia de que apenas aqueles que “se ocupam com coisas divinas” é que realmente contemplam a Deus e que possuem trabalhos dignos.

Sua teoria era a de que tanto um lavrador que revolvía esterco no campo ou uma empregada que ordenhava uma vaca, como os bispos e pastores, agradavam a Deus. Não havia trabalho secular ou menos espiritual, todos são da “classe espiritual”, uma vez que todos somos chamados por Deus:

“Até mesmo seus trabalhos aparentemente seculares são um culto a Deus e um ato de obediência que agrada a Deus”.

Assim, segundo ele, nos tornamos as “máscaras de Deus”, por meio das quais Ele deseja fazer (cuidar e desenvolver) todas as coisas, mas permanecendo oculto. Em suas palavras:

“É pura invenção isso de o papa, os bispos, os sacerdotes e os monges serem chamados de “classe espiritual”, enquanto príncipes, lordes, artesãos e lavradores são chamados de “classe secular”. Na verdade, não passa de cilada e hipocrisia. Mas ninguém precisa temer tal coisa, e por esta razão: todos os cristãos são verdadeiramente da classe espiritual, e não há diferença entre eles exceto a do ofício [...] Todos somos sacerdotes consagrados pelo batismo, como São Pedro afirmou: ‘Mas vós sois [...] sacerdócio real, nação santa’ (1Pe 2.9).”

No entanto, com o passar do tempo e com a passagem de tantos pensadores, muitas ideias influenciaram negativamente a cabeça dos cristãos, no que diz respeito à conformidade com as Escrituras. Devemos lembrar que ao mesmo tempo que tivemos bons pensadores a este respeito, como o citado Lutero, tivemos vários outros que fizeram um desserviço, como Karl Marx.

E é por isso que compreensões erradas sobre o trabalho permanecem vivas ainda hoje. O trabalho é visto como um mal necessário. É um mal que sobreveio à humanidade por conta do pecado e, por isso, deve sofrer. E só é necessário para ganhar dinheiro e sustentar a família. Ainda, isso leva a crer que trabalhos de níveis inferiores são afrontas à dignidade do homem, pois não servem nem para atender as necessidades por si mesmos.

No entanto, a visão bíblica é de que os trabalhos de qualquer natureza, não importa se desenvolvidos com as mãos ou com a mente, se estão diretamente envolvidos com a igreja ou não, todos evidenciam a nossa dignidade de seres humanos, pois refletem em nós e através de nós a imagem de Deus.

Na criação, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e determinou que este dominaria sobre todas as outras criaturas, sobre as aves do céu, os grandes animais da terra e todos os pequenos que rastejam no chão.

Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão". Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criaram. (BÍBLIA, Gênesis 1.26-27, NVI)

A ordem de que o homem domine demonstra que governar é um componente do que significa ser à imagem de Deus. Sendo assim, nós somos responsáveis e chamados para representar Deus no mundo, administrando o restante da criação em seu lugar.

O Criador trabalhou, arquitetou e executou a criação em Cristo Jesus. Tudo o que temos nesse mundo foi feito a partir do trabalho de Deus que, inclusive, descansou no sétimo dia. Ele não trabalhou porque sofreu as consequências do nosso pecado, muito menos porque tinha necessidade, mas simplesmente porque isso é bom e agradável.

Inclusive, o livro de Gênesis traz algumas vezes a descrição de Deus “trabalhando”, utilizando-se da palavra hebraica “*mlkh*”, que é também usada para o trabalho comum dos seres humanos. Sendo assim, o trabalho não pode ser entendido como um mal necessário que adentrou na criação após o pecado, como um fardo para a humanidade, mas sempre esteve contemplado no plano divino.

O trabalho fazia parte do paraíso, e conforme resume bem o teólogo Ben Witherington: “É perfeitamente claro que o excelente plano de Deus compreendia os seres humanos sempre trabalhando, ou mais especificamente, vivendo no constante ciclo de trabalho e descanso”.

Tão agradável para Deus é o trabalho que, em Gênesis, o vemos como jardineiro, e nos evangelhos o vemos como carpinteiro. Além de trabalhar nos corações dos homens, os serviu com um jardim repleto de animais e plantas e com objetos úteis para a vida comum, feitos a partir da madeira.

Portanto, o trabalho é uma bênção e não uma maldição. Os cristãos precisam encarar essa atividade como uma glória e não como um castigo. A bênção está não somente em ganhar dinheiro para subsistência própria e da família, vai muito além disso.

É através do trabalho que sobrevivemos e vivemos plenamente como seres humanos, uma vez que para isso é que fomos criados. O trabalho nos torna úteis para Deus e úteis para os outros. Ele nos permite viver o propósito da criação – “glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”, conforme estabelece o Breve Catecismo de Westminster.

2.2 O TRABALHO QUE GLORIFICA A DEUS

Como já mencionado anteriormente, não existem tipos de trabalhos específicos, ou seja, um seleto grupo de profissões que agradam a Deus, deixando todos os outros de fora. Todos os trabalhos,

sendo eles lícitos e morais, sempre de acordo com a fé cristã, podem e devem ser considerados dignos de glorificar a Deus, pois refletem em nós a imagem de Deus, o Criador.

A partir das Escrituras, entendemos que somos convocados por Deus para representá-lo na terra e para administrar o restante da criação em seu lugar. Nós recebemos, como filhos de Deus, uma ordem, chamada comumente de “mandato cultural”. Esse conceito é extraído do texto de Gênesis 1:28: “Deus os abençoou, e lhes disse: ‘Sejam férteis e multipliquem-se! Enchem e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra’”.

Recebemos, primeiro, a ordem de “encher a terra”. Isto é, apenas os seres humanos têm o dever de se multiplicarem e encherem a terra propositadamente. E o fato de multiplicar e encher a terra não está ligado apenas à procriação – pois assim não teríamos muitas diferenças das plantas e dos animais.

O enchimento da terra através da multiplicação dos seres humanos importa em criar relações uns com os outros, ou seja, formando civilizações e sociedades. O Senhor poderia, se quisesse, criar bilhões de seres humanos ao mesmo tempo e inseri-los numa sociedade já construída. Mas, não. Decidiu que seria nossa tarefa o desenvolvimento de uma sociedade.

Em segundo lugar, recebemos o chamado de “governar” e “sujeitar” a criação. Não significa que temos que vencer, nos impor contra o restante da criação e nem que temos o poder de abusar dela da forma como bem entendermos. Pelo contrário, como imagem e semelhança de Deus, governar e sujeitar o mundo deve ser encarado como uma administração daquilo que Deus fez e nos colocou como cuidadores.

Embora tenha Deus feito muitas coisas e todas as principais e substanciais, não criou uma terra completamente pronta. Nos primeiros seis dias Ele progressivamente foi dando sequência à criação e, depois de ter criado o homem e a mulher e dando-lhes o mandato cultural, descansou.

Começa, então, o tempo do cumprimento do mandato. O mundo criado por Deus tem a necessidade de ser trabalhado – não por incompetência do Criador, mas pelo beneplácito de sua vontade. O filósofo Al Wolter escreve, nesse sentido:

A terra antes era completamente sem forma e vazia; nos seis dias do processo da criação, Deus formou e encheu a terra – mas não totalmente. Agora as pessoas tinham de trabalhar para desenvolvê-la: sendo frutíferos, os seres humanos enchem a terra ainda mais; ao dominá-la, acabam por formá-la ainda mais [...] como representantes de Deus continuamos de onde Ele parou. Mas agora o desenvolvimento da terra tem de ser humano. A raça humana povoará a terra com sua própria espécie e formará a terra para sua própria espécie. De agora em diante, o desenvolvimento da terra criada será de natureza social e cultural. ((WOLTERS, 2006)

Assim, para atendermos ao nosso chamado de governar e sujeitar, o que se dá mediante o cuidado com a criação e a necessidade de criar civilizações, precisamos trabalhar. Através das profissões e ocupações nós cumprimos esta tarefa de colocar ordem no mundo e de desenvolvê-lo da melhor maneira.

A Palavra de Deus nos instrui a viver, cada um, de acordo com aquilo que o Senhor determinou, da forma que ele nos chamou. Com isso, o apóstolo Paulo está querendo dizer que os crentes devem seguir mesmo com seus trabalhos “seculares” – como muitos gostam de dizer – para glorificar ao Senhor e servir as pessoas.

O chamado de Deus não está ligado somente aos ministérios e dons desenvolvidos na igreja, mas também na ordem social e econômica. Assim como Deus se preocupa em conceder dons e talentos para que os cristãos edifiquem o corpo de Cristo, Ele também confere dons e talentos para que as pessoas exerçam diversos tipos de trabalho para a edificação da comunidade de seres humanos.

Por esse motivo é importante dizer que o “chamado” de um crente está atrelado a uma contribuição para o bem comum e não somente para o desenvolvimento pessoal – afinal esse é o princípio básico dos dons e talentos. Recebemos uma vocação para servirmos ao próximo e ao Senhor, e é assim que a Bíblia nos ensina a relacionar a vocação com o trabalho.

Sendo assim, o trabalho não pode ser escolhido apenas com base naquilo que mais satisfaz o indivíduo e no que pode gerar para ele mais renda. Mas este deve observar de que forma atenderá a vocação do Senhor, onde e como poderá servir mais pessoas e agradar a Deus, ainda que em detrimento de um salário mais elevado ou de uma realização pessoal.

No entanto, o quadro atual é justamente o primeiro. As pessoas não se preocupam com a vocação, com servir o próximo. E isso é visto tanto no meio cristão, como fora dele. As pessoas têm buscado apenas satisfações pessoais e condições excepcionais, sem se preocupar em ser úteis de verdade e colaborar com um bem maior.

Em especial, podemos perceber isso na geração que está sendo inserida no mercado de trabalho atualmente – a geração Z. Percebemos nesse grupo de pessoas uma ideia muito forte de que o trabalho serve única e exclusivamente para si mesmo.

Por um lado, a resposta dessas pessoas às ofertas do mercado traz um efeito positivo, pois rejeitam trabalhos que “exploram” o empregado, com salários muito baixos e uma demanda de trabalho muito alta. Por muitos anos, gerações passadas que compreendem de uma forma diferente a necessidade e importância do trabalho, acabaram se submetendo à essas vagas.

Por outro lado, essa negativa por algumas vagas e a busca por empregos com altos salários e pouca demanda (independente da área de atuação, desde que seja confortável), tem um efeito negativo, pois faz com que essas mesmas pessoas acabem não sendo bem inseridas no mercado de trabalho.

Essa postura tem revelado um desejo contrário ao padrão bíblico, o de glorificar a si mesmo, com posições confortáveis e convenientes a si próprias, com bons salários e pouco importando se são realmente úteis e boas naquilo que fazem, deixando de glorificar a Deus.

Por isso, é preciso resgatar a noção de que o trabalho deve glorificar a Deus. Ainda que a despeito de um salário maior, de uma condição mais confortável ou de uma carreira dos sonhos. Seja qual for, deve glorificar a Deus. Nesse sentido, temos as palavras do apóstolo Paulo: “Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.”

Afinal, quando o apóstolo nos chama a prestar um culto racional a Deus, oferecendo-nos como sacrifício vivo, santo e agradável, não se trata apenas de nos blindar do padrão do mundo e de viver uma vida sem pecados, mas vai além, trata-se de viver uma vida inteiramente voltada/consagrada para Deus, o que inclui o trabalho.

2.3 GLORIFICANDO A DEUS NA PRÁTICA

É verdade que Deus nos chama para a santidade, exigindo de nós que sejamos separados para Ele. No entanto, essa separação não se trata de algo geográfico, pois o seu desejo não é nos retirar do mundo, mas uma vez separados para Ele, que sejamos “devolvidos” ao mundo para transformá-lo e abençoá-lo.

Todavia, essa compreensão não fica evidente em boa parte da igreja, que acaba, na verdade, entendendo o contrário. É nítido, embora não seja explicitado pelos cristãos, que existe um desengajamento dos cristãos com a cultura popular, o que chamamos de dualismo – termo utilizado para descrever uma suposta separação entre aquilo que é sagrado e aquilo que é secular.

Esse entendimento leva os crentes a acreditarem que para agradar a Deus, o trabalho precisa ser feito abertamente em nome de Cristo, mencionando-o diretamente, ou dando um testemunho direto da sua obra. Assim, deixam de “sentirem-se cristãos” quando estão trabalhando com algo que não fala diretamente sobre Deus, limitando o sagrado apenas às atividades na igreja.

Quando muito, estes que pensam que não é possível glorificar a Deus com o trabalho, pois são “apenas” pedreiros, médicos, professores, acreditam que é possível glorificar a Deus no trabalho.

Sendo assim, a mentalidade se restringe a ideia de que a única forma de quebrar essa barreira entre o sagrado e o espiritual é evangelizando diretamente os colegas e clientes.

Deste modo creem que o evangelismo é a única forma pela qual podem glorificar a Deus em seus ambientes de trabalho e com as pessoas que estão envolvidas, sejam clientes ou colegas de trabalho. O pedreiro, o médico e o professor não têm nenhuma outra escolha, nenhuma outra forma, precisam evangelizar, e os seus ofícios em si, servem apenas para “pagar o preço” de se sustentarem.

No entanto, essa barreira causada pelo dualismo precisa ser quebrada, para dar lugar justamente àquilo que está sendo proposto neste trabalho – a integração entre fé e trabalho, entre o sagrado e o secular. Para nós, cristãos, não pode haver essa barreira.

Precisamos entender que estamos inseridos numa cultura, sim, corrompida, mas que deve ser impactada pela verdade que nós conhecemos e que também tem muito da parte de Deus, o que chamamos de graça comum. É para influenciar esta cultura, que embora tenha sido depravada, mas que possui “o dedo de Deus”, que fomos chamados para influenciar.

A integração entre fé e trabalho é o oposto do dualismo. Temos de nos dispor a estar bastante engajados com os mundos cultural e profissional dos não cristãos. Nossa visão profunda do pecado nos fará lembrar que até o trabalho e a cultura explicitamente cristãos sempre terão um discurso idólatra em sua composição. Nossa visão profunda da graça comum nos fará lembrar que até mesmo o trabalho e a cultura explicitamente não cristãos sempre trarão algum testemunho da verdade de Deus em sua composição. Como os cristãos nunca são tão bons quanto suas crenças corretas deveriam torná-los e os não cristãos nunca são tão ruins quanto suas crenças erradas deveriam torná-los, adotaremos uma posição de apreciação crítica da cultura humana e suas expressões em cada profissão. ((KELLER, 2014)

Portanto, não é apenas o evangelismo que é capaz de nos fazer “quebrar essa barreira”, mas a própria função em si. É claro que evangelizar no trabalho glorifica a Deus, e ele quer isso de nós, pois é através disso que as pessoas são, de fato, salvas, através da fé na palavra anunciada.

Mas construir muros, cuidar da saúde das pessoas e ensinar crianças também pode (e deve) ser feito para a glória de Deus, desde que haja essa compreensão de que um serviço está sendo prestado para a principal criação de Deus, as pessoas, e, claro, para o próprio Deus.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de natureza teórica e caráter essencialmente bibliográfico, adotando uma abordagem qualitativa. A investigação estruturou-se na análise exegética de textos sagrados, com ênfase no livro de Gênesis e nas epístolas paulinas, bem como na revisão sistemática de literatura teológica e filosófica, abrangendo desde pensadores clássicos até autores contemporâneos. A escolha por este delineamento justifica-se pela necessidade de compreender a evolução histórica e conceitual da visão sobre o trabalho e a vocação humana. Para fundamentar e validar essa escolha metodológica, que permite um resgate histórico-literário preciso, corrobora-se com o entendimento de Gil (2002):

A pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet. Sua vantagem principal reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa modalidade é indispensável nos estudos históricos, pois permite o levantamento das diferentes posições acerca de um mesmo problema (GIL, 2002, p. 44).

A partir desta metodologia, realizou-se o fichamento e a análise dialética do pensamento de autores como Tomás de Aquino e Martinho Lutero, avançando para apologetas modernos como Timothy Keller e Al Wolters. O método permitiu desconstruir a narrativa do dualismo platônico e reestabelecer a fundamentação do trabalho como o cumprimento do mandato cultural.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos evidenciam que a concepção do trabalho meramente como um fardo exaustivo ou castigo punitivo advindo do pecado original é uma distorção teológica. Essa visão, historicamente influenciada pelo pensamento filosófico grego de Aristóteles e endossada em parte pela teologia medieval de Tomás de Aquino, contraria a revelação escriturística. A análise demonstrou que o labor é uma instituição pré-lapsariana (anterior à queda), integrando o propósito criacional e refletindo a própria imagem de Deus, que também é descrito trabalhando e arquitetando a criação.

Na discussão dos dados, destaca-se a ruptura paradigmática promovida pela Reforma Protestante, na qual Martinho Lutero desempenha papel central ao nivelar todas as profissões lícitas

à categoria de "classe espiritual". Constatou-se que o dualismo filosófico — que separa artificialmente as esferas do secular e do sagrado — impõe uma barreira nociva para a Igreja. Esse dualismo leva os cristãos a acreditarem erroneamente que apenas o evangelismo explícito dentro do ambiente corporativo é capaz de glorificar a Deus, esvaziando o valor da própria excelência profissional e do serviço prestado.

Além disso, a análise do comportamento contemporâneo, com ênfase na inserção da Geração Z no mercado, revelou uma tendência crescente de encarar o trabalho de forma puramente utilitarista, voltado exclusivamente para o conforto, altos salários e autorrealização. Em contraposição a esse modelo narcisista, a cosmovisão bíblica estabelece que o trabalho deve possuir uma função relacional e redentora. Para aprofundar essa necessidade de integração entre a vocação cristã e o benefício mútuo no ambiente de trabalho, o teólogo John Stott (2001) corrobora de maneira incisiva:

O trabalho é o gasto de energia (manual, mental ou ambas) no serviço aos outros, que traz realização ao trabalhador, benefício à comunidade e glória a Deus. Nossas profissões, portanto, não devem ser escolhidas apenas com base nos salários que oferecem, mas no serviço que prestam. Toda vocação honrosa é um serviço a Deus e aos homens, rejeitando a dicotomia de que apenas o trabalho eclesialístico possui um chamado divino válido para o Reino (STOTT, 2001, p. 195).

Portanto, a discussão culmina na compreensão de que a superação da mentalidade dicotômica exige que a Igreja atue como cooperadora ativa na esfera pública. A excelência técnica e ética nas mais variadas profissões não é apenas um meio de subsistência, mas o exercício pleno da mordomia cristã sobre a criação e a manifestação tangível da glória de Deus na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o trabalho foi, desde o princípio, um presente e uma incumbência dados por Deus à humanidade. Antes mesmo do pecado, Adão e Eva já haviam recebido a ordem de cultivar e cuidar da criação. Assim, está longe de ser um castigo, sendo, na verdade, uma expressão da própria natureza de Deus em nós — Ele cria, organiza, sustenta e em tudo vê propósito e beleza. O trabalho é uma forma de continuar a obra do Criador, manifestando a sua ordem e bondade em cada profissão e serviço, em consonância como bem conclui o teólogo Daniel Doriani: Apesar do pecado humano, o mandato cultural (isto é, o encargo de Deus aos primeiros seres humanos para governar e desenvolver a terra) ainda permanece. Ousamos pensar que os cristãos podem fazer mais do que ganhar a vida ou evitar o pecado. Mostramos que Cristo, o Rei, veio e que seu reino chegou, até mesmo ao nosso trabalho, a todos os aspectos da vida.

Ao longo da história, essa verdade foi distorcida. Muitos passaram a enxergar o trabalho apenas como um meio de sobrevivência ou um fardo inevitável. Contudo, a visão reformada nos afirma que todo trabalho legítimo tem valor diante de Deus. Não existem profissões “sagradas” e “profanas”, mas pessoas chamadas a viver de forma santa onde quer que estejam. O pedreiro, o médico, o professor — todos podem servir ao Senhor com a mesma dignidade, desde que o façam para o Senhor.

Hoje, em meio a uma geração que muitas vezes busca apenas realização pessoal, status ou conforto, é necessário resgatar o verdadeiro sentido do trabalho. Se entendemos que cada tarefa diária é um ato de culto, passamos a enxergar até mesmo as rotinas mais simples como oportunidades de adorar o Criador e servir ao próximo com amor e excelência.

Essa visão transforma o ambiente de trabalho em um campo missionário — não apenas para evangelizar, mas para expressar a presença e os valores do Reino de Deus por meio da ética, do zelo e da compaixão. O cristão que trabalha com essa consciência revela ao mundo que o seu Senhor não está confinado aos templos, mas governa sobre todos os espaços da existência. É no escritório, na obra, na sala de aula, no comércio e nas ruas que a fé se torna visível e eficaz.

Assim, a integração entre fé e trabalho é, em essência, uma confissão de que tudo pertence a Cristo. Cada profissão, cada esforço, cada criação humana pode e deve refletir a glória do Criador. Porque, como bem afirmou Abraham Kuyper, ecoando uma verdade eterna: “Não há um centímetro quadrado de todo o domínio da nossa existência humana sobre o qual Cristo, que é Soberano sobretudo, não clame: ‘Meu!’”

Conclui-se, portanto, que compreender as crises da Pós-Modernidade sob uma perspectiva cristã permite não apenas identificar seus desafios, mas também vislumbrar oportunidades de atuação redentora no mundo. A fé oferece ao indivíduo não apenas sentido e estabilidade, mas também missão: ser luz e sal em uma sociedade marcada por incertezas.

Assim, reafirma-se que a fé cristã possui os recursos espirituais, teológicos e éticos necessários para enfrentar os dilemas pós-modernos. A Palavra de Deus permanece como fundamento seguro; a comunidade de fé continua sendo espaço de construção identitária e suporte espiritual; e a esperança cristã oferece significado duradouro em meio às incertezas. Conclui-se, portanto, que o cristão é chamado a testemunhar uma verdade que não se fragmenta, uma esperança que não se esvazia e um amor que não se liquefaz — vivendo de forma contracultural e, ao mesmo tempo, profundamente relevante para o tempo presente.

Então, este trabalho não pretende encerrar o debate, mas contribuir para uma reflexão que inspire práticas cristãs mais conscientes, maduras e engajadas, estimulando novas pesquisas que ampliem o diálogo entre teologia, sociedade e cultura contemporânea.



6 REFERÊNCIAS

_____, *BÍBLIA. A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2011.
Gênesis 1.26-27

_____, *BÍBLIA. A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2011. 1
Coríntios 7.17

_____, *BÍBLIA. A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2011. 1
Coríntios 10.31

_____, *BREVE CATECISMO DE WESTMINSTER*. In: *Os Símbolos de Fé*. 1998), p. 488.

D. Bratt (Eerdmans, de Westminster: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

DORIANI, Daniel M., *uma visão Bíblica do trabalho: propósito, dignidade e transformação*, Cultura Cristã, 2023. Eerdmans, 2011, p. 2.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KELLER, Timoty, *Como integrar fé & trabalho: nossa profissão a serviço do reino de Deus*, Vida Nova, 2014, p. 183.

KUYPER, Abraham, “*Sphere Sovereignty*”, em *Abraham Kuyper: A Centennial Reader*, ed. James

LUTERO, Martinho. *Three Treatises*, Fortress, 1970, p. 12.

PELIKAN e D.E. POELLOT, *Luther's Works, Genesis Chapter 6 – 14.*, orgs., v.2, Concordia, 1960, p. 348.

RAND, Ayn, *Atlas Shrugged*, 1999, p.782 [Publicado no Brasil com o título “A revolta de Atlas”, traduzido por Paulo Henrique Britto, Rio de Janeiro, Sextante, 2010.

STOTT, John R. W. *A Bíblia e o cristão hoje*. São Paulo: ABU Editora, 2001.

WITHERINGTON, Bem, *Work: A Kingdom Perspective on Labor*, WOLTERS, Albert N., A criação restaurada, Cultura Cristã, 2006, p. 36.

